

UM HOTEL, UM QUADRO E UM PILOTO: Um relato de experiências expectativas, e realidades no Estágio Supervisionado II na Escola Municipal Anésia Guimarães de Eunápolis (2016)

A HOTEL, A FRAME AND A PILOT: A REPORT OF EXPECTATIVE EXPERIENCES, AND REALITIES IN THE SUPERVISED STAGE II AT THE ANSIA GUIMARÃES DE EUNÁPOLIS MUNICIPAL SCHOOL (2016)

Ualace Lima Nascimento¹

<https://orcid.org/0000-0001-6171-630X>

RESUMO

O Estágio Supervisionado é considerado a parte prática dos cursos de licenciatura por ser o momento no qual o graduando tem seus primeiros contatos com a sala de aula, com o planejamento e a vivência escolar. Nesta fase, não cabe apenas o conhecimento científico e o domínio dos conteúdos históricos acumulados na academia, mas sim o que este momento de experiência simula é a construção da relação teoria e prática, ensino/aprendizagem, a ambientação do espaço de atuação dos futuros professores e a construção inicial da importância da consciência histórica² na vida dos estudantes. Nesse sentido, este artigo elegeu como objetivo geral fazer uma reflexão em forma de relato de experiência da vivência do componente curricular Estágio Supervisionado II – modalidade Ensino Fundamental, realizado no ano de 2016, no curso de licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia campus XVIII. Neste texto discutimos aspectos teóricos, metodológicos e sociais no que tange a práxis docente. No momento de atuação foi colocada em análise também, a postura docente em sala de aula, o comportamento do alunado, questões de saberes e deveres, expectativas e a realidade social da escola, de modo a nos auxiliar no processo de avaliação Estágio, como também na forma de refletir os erros e acertos no campo de atuação (Escola Municipal Anésia Guimarães). Com isso, foram selecionados momentos que suscitaram ânimos, desespero e a efetivação da prática docente e do ser professor. Por fim, tais questões perpassaram o teórico e metodológico e trouxeram àquela vivência, para além de uma alteração direta sobre a regência em sala de aula, os encontros e desencontros com o sonho utópico de uma escola e classe perfeita.

Palavras-chave: Relato de experiência. Estágio supervisionado II. História.

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: ualace.lima@hotmail.com.

² Neste grifo, apresentamos aqui a ideia de consciência histórica e sua importância para a formação política e social do indivíduo a ser formado. Pois através das discussões e das passagens históricas que os sujeitos irão se perceber como agente de mudança, e de atuação na sociedade.

ABSTRACT

This article aims to describe the activities reproduced within the curricular component Supervised Stage II - Elementary School modality carried out in 2016. In this paper we will discuss methodological and theoretical aspects based on direct relationships with the classroom and our object of study. The teaching position in the classroom, the analysis of the student's behavior, questions of knowledge and duties, this moment is, this textual production will not only help us to evaluate the Internship but also the way to register errors and correctness in the field (Municipal School Anésia Guimarães), selecting moments that brought about animosity, despair and the effectiveness of teaching practice and being a teacher. These questions will permeate the theoretical and methodological, and will bring to this moment not only a direct altercation on the experience of regency in the classroom, but rather the encounters and disagreements with the utopian dream of a perfect school or a perfect class. The Supervised Internship is considered the practical part of the undergraduate courses, because it is the moment at which the graduate has his first contacts with the classroom, on this occasion it is not only the scientific knowledge and the domain of the historical contents accumulated in the academy, the that this moment of experience simulates is the construction of the relation theory and practice, student / teacher, the setting of the space of action of the future teachers and the initial construction of the importance of the historical consciousness in the life of the student. Finally, this experience report aims at the analysis and description of an experience of the discipline of Supervised Internship II - Modality Primary Education II, with a 7th grade class, held at a municipal school in the city of Eunápolis - BA.

Keywords: Experience report. Supervised stage II. Story.

1. INTRODUÇÃO

A construção do profissional da educação - o “professor” - se distingue pela sua variedade de perspectivas, o desenvolvimento social, intelectual, político e profissional. O estágio tem sido pauta de discussão e reflexão desde as últimas diretrizes curriculares da formação de professores que foram registradas em 2002. Nesse documento orientador, a Diretriz do Ensino Fundamental em História aponta que “Nem sempre está claro para os educadores por que a História faz parte do currículo escolar e qual a importância da sua aprendizagem na formação do jovem. Mas essas questões são fundamentais quando se pretende refletir, repensar ou posicionar-se em relação ao ensino de História praticado” (BRASIL, 1998, p.15). A ideia é questionar até que ponto se chegou às discussões voltadas a aproximação dos conteúdos da disciplina História, com a vida prática e a realidade do alunado, e quais os caminhos para se alcançar tal façanha.

Assim, faz-se necessário que tal discussão seja levada para todas as etapas da formação de professores, para que possamos tornar o estágio supervisionado um momento de aprendizagem e não apenas de prática e testes de modelos de ensino.

O estágio se constitui um período importante e fundamental na construção do sentido de ser professor, além da vivência em sala de aula, coexiste um olhar de um professor que orienta, supervisiona e acompanha. Vale destacar que o estágio difere das experiências docentes fora da academia, pois, não é apenas o momento de praticar, mas sim de trocas de práticas, de pesquisar o ser professor e refletir sobre a sua *práxis* docente.

O momento de regência abre as portas para que o futuro-professor que pesquisa aprenda a se relacionar com o espaço educacional, fazendo com que este busque novas ferramentas para melhorar esta realidade, adquirindo outras práticas pedagógicas e metodologias de ensino, dialogando com as possibilidades da escola e do coletivo³ e relacionando o que aprendeu na universidade para a escola, em forma de suporte para as lacunas ainda vivenciadas nas redes de ensino básico⁴. Essa etapa faz a aproximação dos conhecimentos acadêmicos com o conhecimento escolar, através da transposição didática.

Desse modo, destacamos o que os documentos norteadores da educação básica apontam como importante para a construção civil e moral do aluno e a obrigação do professor. À recriação da cultura, a construção de uma identidade e de metodologias e práticas de ensino que visem envolver os alunos, ligando os conteúdos escolares com a vida cotidiana deles, tornando esses momentos de aprendizagem também reflexivos e construtivos tanto intelectualmente quanto socialmente. Para isso, acreditamos que essas questões estão tão ligadas à História quanto ao papel formativo da escola, pois como nos afirma Selva Fonseca (2003):

³ Aqui usamos o termo “coletivo” para nos referimos a todo o campo Institucional, desde a parte, física até mesmo os colaboradores, que incluem (biblioteca, direção, coordenação e técnicos).

⁴ Referimo-nos aqui à mudança pelo impacto que a realidade escolar nos traz, tal como através desta observação podemos compreender a rotina e o cotidiano da sala de aula, analisar a teoria e por meio da observação empírica, levantar hipóteses, sugestões e até mesmo reflexões sobre o que é ser professor na atualidade.

[...] ensinar e aprender história requer de nós, professores de história, a retomada de uma velha questão: o papel formativo do ensino de história. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da história, ou seja, a História como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. (FONSECA, 2003, p.37).

Com os avanços das teorias e práticas pedagógicas, as novas tendências e as mudanças nos Parâmetros Curriculares (PCN) impulsionam os professores, pesquisadores e estudiosos da área de ensino a reformularem suas práticas, bem com a reorganização de conceitos, temáticas e metodologias de ensino. Esse contexto de mudanças chega à sala de aula com um novo olhar acerca daquelas práticas, destacando e analisando as chamadas transformações técnico-científicas. Sobre isso, destacamos a reflexão de Libâneo (2009, p.52) em que “A instituição escolar, portanto já não é o único meio ou o meio mais eficiente e ágil de socialização dos conhecimentos técnico-científicos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas e de competências sociais requeridas para a vida prática”.

A temática que passa a dialogar com o estágio é a preparação do professor para o espaço escolar, apontada como necessária desde o PCN, que levanta a preocupação com a diversidade cultural, econômica e social dos alunos. O multiculturalismo ganha espaço de discussão em sala de aula, pois entre nós o movimento multi/pluricultural se configura na educação como um fator favorável à construção de currículos “culturalmente inclusivos”, que incorporem tradições culturais e sociais de grupos específicos, características econômicas e culturais das realidades locais e regionais (SILVA, 2007, p.47).

Essa demanda está ligada à luta de grupos que sempre foram marginalizados, inclusive excluídos dos livros didáticos e, por isso, não colocados dentro das discussões da escola como mulheres, negros, indígenas e questões de gênero. Há, portanto, um desafio para os professores e professoras no que se refere a atrair a atenção dos estudantes e levá-los a uma reflexão crítica da realidade frente à gama de informações advindas por diversos meios de comunicação, nem sempre pautadas na facticidade. Isso nos remete a

pensar como ensinar história para esse aluno cercado de símbolos e informações?

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª série):

Não se aprende História apenas no espaço escolar. As crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, imagens e explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e mundial. São atentas as transformações e aos ciclos da natureza, envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão e dos vídeos, são seduzidos pelos apelos de consumo da sociedade contemporânea e preenchem a imaginação com ícones recriados a partir de fontes e épocas diversas. Nas convivências entre as gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se, aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo (BRASIL, 1998, p.37-38).

A escola, nesse contexto, é de fundamental importância, pois esta deve transformar essas informações soltas que apenas “informam” em conhecimento. Canclini (2015) vai chamar esse processo de “conectar” e dar sentido a estas informações de modo que o aluno desenvolva a criticidade na escolha de uma opinião, ou mesmo grupo político ou social. Diferente de Bourdieu (2015), ele não aponta o capital econômico ou capitalismo como fator de diferenciação social e intelectual. Para o teórico (Canclini), todos esses jovens estão expostos a estes aparelhos de comunicação e às vezes apenas encontram-se desorientados sobre em que acreditar e qual bandeira levantar. Embora concordemos com Canclini, não podemos negligenciar os conceitos trabalhados por Bourdieu (2015), pois na sala de aula é possível perceber como a posição social da família, os perfis econômicos dos alunos apontam um êxito escolar maior que os alunos de classes mais subalternas. O autor conseguiu compreender como a escola é detentora de uma cultura hegemônica (das classes dominantes) e como esta cultura tenta generalizar toda turma, sem levar em conta o capital cultural individual e plural de uma turma. Cada aluno tem em si experiências e expectativas ligadas à sua realidade social e apenas faz o que Bourdieu chama de reprodução cultural/social. Isso faz com que o futuro-professor tome cuidado, para não cometer o erro da generalização e se atentar

às diferenças culturais e sociais de cada indivíduo envolvido no processo de ensino/aprendizagem.

Para essas indagações podemos nos remeter a Karnal (2004) que afirma que o “fazer histórico” é modificado pelos debates metodológicos, pelo surgimento de novos documentos e fontes, demandas sociais e políticas, dentre outras. Tais mudanças permitem um vasto campo de pesquisa para o historiador/professor. Assim, faz-se necessário chamar a atenção para as questões da modernização e as mudanças que ocorreram em sala de aula, em que o ensino passou por modificações tecnológicas; a multiplicação dos retroprojetores, as aulas em slides, os filmes em sala de aula, apostilas, ciberespaços, novas formas possíveis de se ensinar e aprender História. Porém é obrigatório uma revisão e reflexão sobre como aplicar metodologicamente estas ferramentas, pois, mesmo que estas tecnologias sejam bem aceitas deve-se ter uma preparação e preocupação com o conteúdo a ser trabalhado. Sobre isso, autor pondera: “Uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno” (KARNAL, 2004 p.9).

Diante destes levantamentos e questionamentos, podemos considerar que o processo de ensino de História está caracterizado pela formação dos profissionais de história, mas é importante esclarecer que o tempo e espaço deste profissional devem ser levados em conta para as supostas análises, como também se deve analisar a sala de aula como um espaço contínuo de formação onde o quem ensina aprende a ensinar, se remodelando e se tornando cada vez passível de mudança e autoavaliação.

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula se evidencia, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de ser professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT, 2008, p.57).

Apesar de nos encontrarmos numa época de avanços tecnológicos, num período de amplitude das relações, é preciso um diálogo entre escola e

universidade no que tange às novas demandas da sociedade globalizada. Nessa perspectiva, é possível perceber os problemas entre teoria e prática, pelo fato da formação dos professores se concentrarem na formação do profissional teórico. Alguns desses profissionais enfrentam dificuldades ao atuarem na dimensão prática o que resulta na perpetuação da dicotomia teoria-prática que impede que os professores se aperfeiçoem na capacidade de refletirem sobre sua práxis docente e assim poder transformá-la.

Diante disso, pensar em História requer uma pesquisa e reflexão sobre a escola e as políticas públicas, para entendermos o processo educacional e a construção do saber histórico, pois, ao longo dos tempos, tem se assinalado diversas modificações tanto na formação docente, quanto discente.

O ensino de História a partir de novas metodologias é uma perspectiva que pode inovar o aprendizado, refletindo sobre essas questões, partimos do pressuposto que esta abordagem irá trazer novas visões sobre os conteúdos trabalhos, visando que o filme tenha uma linguagem que de certa forma apresenta mais compreensão e acesso, traga a teoria para um campo material para se trabalhar a temática, e estes meios de ensino devem fazer com que o professor não apenas use as TIC's por questões obrigatórias. Para Moran (2004):

Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre sua maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a aprender melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar (MORAN, 2004, p.32).

Assim, independente da ferramenta utilizada à sala de aula é um espaço múltiplo, instável e cheio de situações inesperadas que devem sempre contar com um plano secundário pelos docentes. Esperadas porque nem todo o planejamento pode funcionar, e deve-se estar já apto a lidar com essas situações, questões como didática, planos de aula e controle de turma são motivos principais para a rejeição e má adaptação de certa metodologia ou aula.

2. SABERES PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

2.1. A ESCOLA: Uma análise do espaço visando compreendê-lo como fator de apoio ao ensino

O espaço escolhido para a regência foi o Colégio Municipal Anésia Guimarães, localizado à Rua Bela Vista, nº 690, nas proximidades de bairros considerados periféricos e marginalizados. Escola que atende ao público do ensino fundamental II o da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa unidade escolar funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com um número de 89 funcionários, segundo informações da direção da instituição.

A escola conta com dois projetos estruturantes: a Fanfarra Municipal (que também contempla alunos de outras escolas municipais), e o projeto de Dança e Teatro, realizado pela Secretaria de Assistência Social. Esses projetos apresentam para os alunos um momento tanto de lazer quanto de responsabilidade, conhecimento e participação em eventos locais, para apresentação e entretenimento.

Figura 1: Fachada da Escola Anésia Guimarães.



Fonte: Acervo pessoal.

No que se refere à estrutura, o espaço deixa a desejar para os alunos e para todos que ali convivem. Além disso, há falta de recursos para os professores, como apagadores, lapiseiras, móveis, equipamentos de áudio e vídeo, biblioteca, espaço de leitura, salas reservadas para funcionários, espaços de produções e coordenações e salas de aulas padrões. Contamos apenas com

uma escola que atualmente funciona nas dependências de um espaço alugado pela prefeitura local, onde anteriormente funcionava o antigo Hotel New Max.

Uma das questões que inviabiliza diversas práticas educacionais e compromete as aulas, dificultando o domínio de sala, a permanência dos alunos na escola e principalmente a atuação docente, é o espaço escolar. O espaço no qual a escola foi instalada não tem sequer compatibilidade em questões de espaço para uma turma de 35 a 40 alunos, lembrando também, a escola sofre muito com questões voltadas à violência entre alunos e professores; alunos e alunos e demais servidores.

Figuras 2-7. Estruturas e instalações da escola.



Fonte: Acervo pessoal.

As péssimas condições do prédio onde funciona a escola traz, não apenas impossibilidades de atividades educativas e recreativas, como também problemas no calendário escolar, comprometendo o funcionamento de alguns setores e até mesmo a relação ensino/aprendizagem. As instalações encontram-se degradadas, tomadas de energia em curto, com fios elétricos à mostra, salas adaptadas em quartos de hotel, sem qualquer estrutura para os alunos, sem ventilação, sem ventiladores, questões que podem parecer supérfluas para o presente estudo, porém relevantes para os alunos e para os professores. A falta de materiais eletrônicos e didáticos, como: livros, internet, impressoras, salas de vídeo e áudio, retroprojetores e materiais de cunho institucional como cadeiras, mesas, tomadas, lâmpadas, ventiladores, acarreta prejuízos sem precedentes ao ensino-aprendizagem. As salas não comportam cadeiras para todos os alunos nem mesmo uma mesa ou cadeira para o professor. Nos dias quentes, o banheiro quebrado exalava um terrível odor do esgoto sanitário por toda a sala de aula; por inúmeras vezes tivemos que retirar os alunos da sala ou finalizar a aula antes do horário.

A Prefeitura de Eunápolis tem em construção uma escola nova a ser entregue desde julho deste ano, porém ainda não foi concluída suas obras. Segundo a secretaria da escola, este novo espaço está apto a diversas atividades, com mais recursos audiovisuais e tecnológicos, com salas temáticas, e espaços de lazer e esporte.

A turma escolhida para a pesquisa de Estágio e a prática de regência foi a turma do 7º ano / 6ª série do ensino Fundamental II, sala composta por 23 alunos (sendo três desistentes), com faixa etária de 11 a 14 anos de idade; moradores dos bairros mais próximos da escola, bairros considerados pelos professores e trabalhadores da escola como periféricos.

Foram identificados diferentes perfis de alunos logo na primeira aula, na qual, foi solicitada a apresentação e um pouco da história de cada aluno. Essa roda de conversa e análise inicial tornaram possível perceber que há comportamentos e capitais culturais e simbólicos representados na diversidade de realidades sociais, tanto periféricas quanto de classes mais altas convivendo e se confrontando dentro da sala de aula. Porém convive em espaços parecidos e assemelham-se em expectativas e esperanças de vidas reduzidas à realidade

social de cada um. Querem ser policiais, jogadores de futebol, dançarinas, como disseram alguns alunos: “quero ser rico professor! ”. Essas expectativas foram relacionadas em sala de aula quando discutimos sobre a vida dos escravos e dos indígenas na colônia e também o quanto a educação é importante para libertar o homem da alienação e do micro espaço/pensamento atual.

2.2. Cronograma de Estágio: datas, mudanças e adaptações

O cronograma abaixo apresenta as datas de observação, coparticipação e regência, dando destaque também às datas e hora-aulas das Sequências Didáticas (SDs) propostas para o período de 26 de agosto a 07 de novembro.

Tabela 1. Cronograma de Estágio

DATA	NÚMERO DE AULAS	EVENTO (OBSERVAÇÃO OU REGÊNCIA)
05/09/2016	2h aulas	Observação
12/09/2016	2h aulas	Coparticipação
19/09/2016	2h aulas	Coparticipação
Sequência I: A Formação da Colônia Portuguesa		
26/09/2016	2h aulas	Dinâmica (0,5) / conhecimentos prévios/Problematizando (pré)Conceitos
10/10/2016	2h aulas	Administração Colonial / exploração indígena / Atividade (1,0)
17/10/2016	2h aulas	Os impactos ambientais da colonização / Atividade de produção de cartazes (5,0)
Sequencia Didática II: A Sociedade do açúcar		
24/10/2016	2h aulas	Dinâmica de Conhecimentos prévios (5,0) / Problematizando conceitos.
31/10/2016	4h Atividade extra	Atividade externa / Jogos entre professores e alunos, com tarde de lazer no Ginásio Municipal do bairro Pequi.
07/11/2016	2h aulas	A Sociedade Açucareira/ Engenho de açúcar/ Trabalhos e trabalhadores da sociedade açucareira
21/11/2016	2h aulas	Hierarquia social na divisão do trabalho/ escravidão negra / Escravidão na atualidade/ Debate sobre racismo e discriminação na atualidade
28/11/2016	2h aulas	Atividade avaliativa (2,0) / Encerramento

Fonte: Próprio autor.

O calendário selecionado contou com o diálogo entre as possibilidades e realidades dos alunos, discutidas e analisadas a cada sequência didática e a cada aula, em que se buscaram metodologias, didáticas diferenciadas, meios audiovisuais e jogos para estimular o alunado à pesquisa e também à curiosidade histórica.

O que se destaca nesse planejamento e também deve ser citado aqui como imprevisto foi a incompatibilidade do calendário apresentado pela escola e a extensão do mesmo. Infelizmente, alguns eventos da escola não estavam no calendário e também algumas fatalidades aconteceram no decorrer desse período que prejudicaram o caminhar das sequências didáticas. Porém vale ressaltar que devido a isso, a regência que terminaria dia 07 de novembro, estendeu-se até o dia 28. O que também sofreu alteração foi o calendário municipal que mudou a data de fechamento de notas e conselho final até dia 30 de dezembro. Com isso, tive que reorganizar minha última sequência didática, adiantar aulas e formular uma atividade avaliativa de última hora. Houve também como um complicador a falta de comunicação entre a professora regente com a escola; entre a escola e a professora; e em algumas situações entre ela e mim. Mas estas dificuldades de comunicação não abalaram os conteúdos nem mesmo as abordagens, só alteraram datas, previsões de conteúdos que se desdobraram na prorrogação das aulas.

A estrutura precária do Anésia Guimarães dificultou diariamente a execução das aulas, e também o desenvolver das sequências didáticas. Assim, foi necessário que no período de 07/11/2016 a 21/11/2016, pensássemos em algumas formas de articular de maneira a não deixar o incômodo da sala de aula não atrapalhasse ou dificultasse a aprendizagem.

Por isso adaptamos um espaço destinado a preparar os alunos para esta avaliação final e contamos com a participação deles para organizar a proposta didática. Por fim, dentro do prazo, mesmo alterado conseguimos fechar as sequências e também a IV Unidade da turma com louvável resultado e tempo com tempo hábil para recuperação e conselho.

2.3. Sequências didáticas: o planejamento e a organização das aulas

O planejamento da proposta e a avaliação deste componente curricular foram baseados dentro dos parâmetros e artigos dos guias nacionais de educação (PCN, PME, BCN, LDB e outros), bem como nos pressupostos interdisciplinares lidos e discutidos no decorrer da disciplina de Estágio Supervisionado II. Com isso, para as aulas utilizamos a Sequência Didática (SD) onde buscamos dar sentido e uma maior reflexão e assimilação dos conteúdos; revisando conceitos, temáticas, fatos históricos e o processo de aprendizagem dos alunos através dos níveis de consciência de Rüsen (2013) e Freire (2010). Algumas atividades e exercícios foram aplicados para conciliar as aulas com os conteúdos anteriores (conhecimentos prévios).

O conteúdo programático para a turma de 7º ano/6ª série do Ensino Fundamental II foi o conteúdo de Colonização até a Sociedade Colonial Açucareira. Dentro desta perspectiva, buscamos fazer recortes e também paralelos historiográficos com o conteúdo selecionado para a IV Unidade e também a realidade e a sociedade a qual esse aluno está inserido.

As sequências didáticas foram organizadas contemplando os seguintes temas e recortes:

Tabela 2. Planejamento de aula.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I (6 HORAS AULAS)
<ul style="list-style-type: none"> • Tema: Administração colonial e os primeiros processos civilizatórios.
<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo Geral: Compreender o sistema de administração colonial portuguesa, dando ênfase na participação indígena e nos impactos ambientais.
<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos específicos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender o período pré-colonial dando ênfase aos primeiros contatos entre colonos e indígenas; 2. Refletir sobre a administração colonial, problematizando a política de exploração; 3. Refletir interdisciplinarmente (Biologia/Geografia) sobre os impactos da exploração dos recursos naturais atrelando semelhanças da exploração colonial com a exploração atual;
<ul style="list-style-type: none"> • Problema: Como se efetivou a ocupação e a organização da exploração colonial brasileira?
<p>Recursos: Livro didático, Datashow, slide, lousa, vídeo.</p>
SEQUÊNCIA DIDÁTICA II (8 HORAS AULAS)
<ul style="list-style-type: none"> • Tema: A Sociedade Colonial do Açúcar
<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo Geral: Identificar as relações de trabalho existentes no engenho de açúcar.

<ul style="list-style-type: none">• Objetivos específicos:<ol style="list-style-type: none">1. Conhecer o engenho colonial de açúcar, identificando os espaços e a quem são destinados;2. Identificar os agentes desse espaço, classificando-os de acordo a divisão do trabalho;3. Problematizar a função escrava nos engenhos, fazendo uma análise da escravidão atual, do racismo e discriminação com o negro;
<ul style="list-style-type: none">• Problema: Como se inseriram as relações de trabalho nos engenhos de açúcar?
<ul style="list-style-type: none">• Recursos: Livro didático, Datashow, slide, quadro, vídeo.

Fonte: Próprio autor.

Para isso organizamos sessões de conhecimentos prévios a cada início de sequência didática, para avaliar os conteúdos e os conceitos ou mesmo reflexos de memórias sobre a História do Brasil que eles ouviram, viram ou simplesmente tinham algum ideal pessoal construído. Nas aulas iniciais de coleta de conhecimentos prévios identificamos as possíveis construções ideológicas sobre a história do Brasil para estes alunos no decorrer de sua vida pessoal e escolar.

Na ocorrência dessas aulas, abordei os conteúdos visando dialogar com tecnologias digitais e também audiovisuais, trazendo para sala aulas mais didáticas e dinâmicas, como por exemplo, as aulas 1 (um) e 2 (dois) da sequência didática I em que se descreveu o projeto da seguinte forma:

Tabela 3. Sequencia Didática I e II

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I – CONHECIMENTOS PRÉVIO
<p>(1º momento) - Para o primeiro encontro com a turma, pretende-se a reapresentação do estagiário regente e dos alunos para versar a relação professor aluno, este primeiro momento contará com 10 min.</p>
<p>(2º momento) - Após as apresentações (alunos e professor), serão suscitados os conhecimentos prévios, que serão trabalhados relacionados aos temas das grandes navegações, as especiarias e do “Achamento” do Brasil, através de uma Dinâmica de Grupo. Serão colocadas em uma caixa em cartões perguntas referentes ao “Achamento do Brasil”. A turma se dividirá em dois grupos e cada grupo fará uma pergunta para o outro. Para a resposta o grupo respondente deverá se organizar e elaborar uma única resposta escrita e ler para a sala. Essa dinâmica de conhecimentos prévios valerá (5,0) pontos para a Unidade.</p>
<p>(3º momento) - Neste momento iremos problematizar os conceitos de “Achamento” desconstruindo a visão positivista sobre a temática, relacionando as respostas e opiniões dos alunos na dinâmica.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA II – CONHECIMENTOS PRÉVIO

(1º momento) - Para primeiro momento será realizada uma nova coleta de conhecimentos prévios. Será levado para a sala 3 (três) recipientes, contendo 1- cana-de-açúcar, 2- açúcar (industrializado) 3- caldo de cana. Os alunos irão fazer a experimentação destes derivados da cana-de-açúcar.

(2º momento) -Após a experimentação será aplicado o seguinte questionário: Os alimentos experimentados lhe fazem lembrar-se de algum período histórico? Qual? Como são feitos estes produtos? Quem trabalhava na produção destes produtos? Trabalharemos o conceito que demarca este espaço temporal: *plantation* e monocultura.

Fonte: próprio autor.

3. O PLANEJAMENTO E O REAL: DIFICULDADES E CONQUISTAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

O momento de regência não foi um momento de conforto, algumas inquietações acerca de como adaptar os conteúdos acadêmicos com os alunos ainda não soaram tão difícil quanto a realidade da sala de aula. Fatores externos e internos. O cronograma proposto contou diversas vezes com alterações, momentos de angústia e também de revoltas.

Ao destaque e também mérito deste planejamento, foi contar com o domínio e a possibilidade de ver nos meios digitais (vídeo e áudio) e realidades sociais, isto é, trazer o passado para a vida prática do aluno, levando-os a ver o que existiu e o que existe, o que muda, transmuta-se ou mesmo continua a existir, porém, de forma mais atualizada, com mecanismos industriais e mecânicos. Com isso, conseguimos nos finais de cada sequência didática, levar o aluno a se perguntar “o que quer ser”, “que tipo de trabalho quer ter” e “como deve conquistá-lo”. Paralelamente às relações pedagógicas, existiram as relações sociais que percorriam os diálogos e os conteúdos, a exploração indígena e os abusos praticados pelos colonizadores. Tudo isso possibilitou aos alunos perceberem a importância e a força dessa cultura para a nossa história e a mudarem suas posturas em meio ao que as mídias reproduziam sobre os indígenas. Destaco aqui, inclusive, termos que foram ouvidos durante as aulas em referência aos indígenas: “vândalos, vagabundos, preguiçosos” e que buscamos desconstruir a cada aula, a cada vídeo e discussão.

Também aplicamos a ideia de consciência social, ou melhor, consciência ambiental, com o intuito de guiar os alunos a identificar ações do passado que resultaram em impactos ambientais no nosso presente e que, possivelmente, comprometerão o nosso futuro se nada for feito. Em uma das aulas, essas ações, seus reflexos foram apontados como ações que ainda perpetuam em nossa sociedade. No final solicitei a produção de um cartaz com medidas preventivas e afirmativas para reparar essa destruição que vem de uma herança cultural colonizadora.

Sobre a sociedade açucareira, tema da segunda sequência didática, os alunos conseguiram compreender e diferenciar o que é trabalho escravo e o que é trabalho assalariado. Conseguimos fazer uma viagem no tempo, e através da realidade dos pais dos próprios alunos perceberam os cargos e as oportunidades que pelo fato de ser “negro” fazem-no ocupar. Com isso, essa aula transcendeu o tema proposto e acabou se desenrolando em 30 minutos de discussão e problematizações sobre racismo, discriminação, e experiências narradas de alunos em sua vida social nos centros da cidade de Eunápolis.

Por fim, posso dizer que cada aula apresentou seus momentos de instabilidade, em alguns momentos pela falta de base dos alunos, suas dificuldades e deficiências. Porém acredita-se que os recursos levados para cada aula serviram de suporte para otimizar a relação ensino/aprendizagem.

4. PRÁTICA DOCENTE E INTERVENÇÃO NAS ATIVIDADES DA REGÊNCIA

Refletir sobre nós mesmos é e sempre será desafiante por se tratar de um ofício de qualquer ser que trabalhe ou se relacione diretamente com pessoas, pensar sobre sua postura, como cidadão político, como agente de influência e comportamentos sociais e civis. O professor é um espelho para os alunos, eles nos veem dia a dia, criticam, imitam e até elogiam nosso comportamento, vestimenta, jeito de falar e de se expressar.

Em muitos momentos, percebi que a nossa metodologia e o comprometimento do docente chamam à atenção do aluno, cativa-o e faz mesmo que em minoria dar atenção (disfarçar-se) à aula, participando, interagindo e até mesmo somando seus conhecimentos.

Nas aulas de regência pude sentir a dificuldade dos alunos, principalmente no que tange à leitura, escrita, interpretação de texto, domínio de conteúdo e organização de ideias. Tentamos trabalhar isso nas aulas, me sentia angustiado em ter que mudar metodologias, criar jogos e desenvolver métodos mais fáceis de compreensão de conteúdo. A risada sem graça e algumas brincadeiras sobre história os ajudaram a se expressarem, a falarem mais e terem coragem de assumir as dificuldades. Nas atividades aplicadas, houve momentos de escrita e interpretação de texto e discursos onde os levei a lerem, debaterem e produzirem e, em outros momentos, a deduzirem de acordo o que julgavam certo ou errado. Estes momentos podem ser desconsiderados pela avaliação da universidade, mas não havia outra forma, a realidade é cruel e ela não te deixa com muitas possibilidades, cabe a nós, nos virarmos com o que temos, e isso a academia não nos treinou. Fiz em diversas aulas leituras coletivas, percebi que no Datashow os alunos não se sentiam vergonhados em falar, isto é ler os slides não oferecia risco para eles, e ao mesmo tempo desenvolviam habilidades técnicas de leituras e também conhecimento. Eles se sentiram ajudados e começaram realmente a participar das aulas. Desse momento em diante as propostas pedagógicas começaram a ser interativas e mais participativas.

A participação dos alunos, as aulas com ferramentas, comidas e vídeos fizeram com que os alunos evoluíssem tanto no conhecimento quanto em comportamento, participação e notas, o resultado final foi positivo para toda a turma, como um índice de aprovação de 100%.

Fez-se também um momento em que os alunos puderam avaliar as aulas, pedindo e questionando meus posicionamentos, criticando outros colegas, para podermos assim melhorar a didática e a metodologia aplicada à turma. A cada encontro nos últimos 10 minutos de aula, fazíamos “avaliações de turma”, que contribuíram para as mudanças e adaptações, como também para minha autoavaliação enquanto pesquisador da educação e docente.

No fim, foi aplicado um questionário avaliando minha atuação e também questões de domínio de conteúdo, relação com os alunos e com o contexto da escola em geral. Estes arquivos foram transformados em anexos que se

encontram no laboratório de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, juntamente com a produção de um portfólio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco que já havia participado de experiências em regência e ainda atuando na docência nunca havia vivenciado uma escola em tal estado. O choque foi muito grande. A realidade das escolas municipais da cidade de Eunápolis merece atenção e este relato de experiência configura-se também como uma denúncia. As condições das salas de aula, a falta de equipamentos dificultou muito o cronograma e também algumas atividades lúdicas e propostas ressignificadas e renovadoras para as aulas. Porém, foi através destas dificuldades que aprendi a buscar formas, mecanismos e novas tecnologias para gerir as aulas e poder me formar como um profissional apto a lidar com diversas realidades institucionais.

Esta oportunidade contribuiu muito para a minha vida profissional e social, aprendi a ensinar e aprendi ensinando, ensaiando métodos, criando possibilidades, emendando formas e jeitos de lecionar para poder suprir necessidades e deficiências e auxiliar os alunos a progredirem de forma intelectual e social.

Tal momento e vivência fizeram com que o relato deste estágio junto a sua apresentação no auditório da Universidade do Estado da Bahia campus XVIII em forma de 'memorial' se tornasse ferramenta de mudança e reavaliação da Secretaria Municipal de Educação de Eunápolis, a qual após tais denúncias e reclamações dos docentes, pais e a comunidade local e a coordenação de estágio da UNEB, no ano final do ano de 2016, a prefeitura junto à Secretaria Municipal de Educação, interditaram as aulas e construíram um novo espaço para a Escola Anésia Guimarães, que foi inaugurada em 2018. Atualmente a escola se encontra no bairro Pequi com uma nova estrutura, amplo espaço físico e recursos didáticos, tecnológicos, esportivos e culturais.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CABRINI, Conceição et.al. **Ensino de História**: Revisão urgente. Edição revisada e ampliada. São Paulo: EDUC da PUC/SP, 2000.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas de intercultural idade. Rio de Janeiro: Editora da URJ, 2015.

FONSECA, Selva Guimarães. Como nos Tornamos Professores de História: A Formação Inicial e Continuada. In: **Didática e Prática de Ensino**. São Paulo - Papyrus, 2003.p. 59-89.

FONSECA, Selva; SILVA, Marcos. Tudo é História: O que ensinar no mundo multicultural? IN: **Ensinar História no século XXI**: Em busca do tempo perdido. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 43-65.

LIBÂNIO, Jose Carlos. A educação escolar no contexto das transformações da sociedade contemporânea. In: SEVERIANO. Antônio Joaquim; PIMENTA. Selma Garrido. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-76.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educação**. Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Novos Temas nas salas de aula de história**. São Paulo: Contexto, 2009.p. 73-95.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da História III, formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do Professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 54-69.